

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## RUTH KLÜGER E SCHOLASTIQUE MUKASONGA: A IDENTIDADE DA MULHER NA LITERATURA DE TESTEMUNHO

Maria Eliza Zahner

Mestrado em História Social (PPGHIS – UFRJ)

memzahner@gmail.com

### **Introdução**

Esta apresentação é baseada em minha atual pesquisa de Mestrado, em que procuro fazer uma leitura conjunta das autoras Ruth Klüger e Scholastique Mukasonga, com suas obras de testemunho, respectivamente, do Holocausto e do Genocídio de Ruanda. Durante minha graduação, estudei as identidades de Ruth Klüger de acordo com a obra “Paisagens da Memória”, e como é sua escrita de reivindicação delas. Agora, me aprofundo a pensar: existe uma identidade da mulher sobrevivente? E, caso exista, ela pode ser compreendida a partir de eventos traumáticos diferentes?

Começaremos, então, explorando o surgimento dessa pesquisa, com uma leitura de “É Isto Um Homem” e o questionamento do que é a desumanização e se seria possível pensar uma “desmulherização” das mulheres que passaram por eventos despersonalizadores. Depois, juntaremos essa ideia à leitura de Ruth Klüger e Scholastique Mukasonga, principalmente de suas obras “Paisagens da Memória” (2005) e “A Mulher de Pés Descalços” (2017), buscando analisar cenas em que essa desmulherização estaria presente. Ademais, é importante notar que a identidade é um tema constantemente citado tanto por Klüger quanto por Mukasonga. Tanto um refúgio quanto uma fuga, a identidade de cada autora será tratada como única.

### **É Isto Uma Mulher?**

A ideia para este trabalho surgiu a partir de uma leitura de “É Isto Um Homem?”, de Primo Levi. Quando levado para trabalhar dentro de um laboratório no campo, ele relata seu espanto ao se ver de frente com trabalhadoras nazistas. Nenhuma delas se assemelhava às mulheres que se acostumara a ver no campo, que já não reconhecia mais enquanto mulheres:

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

E as mulheres. Há quantos meses não via uma mulher? Frequentemente, cruzava na fábrica com as operárias ucranianas e polonesas, de calça comprida e casaco de couro, maciças e violentas como seus homens. Suadas e desgrenhadas no verão, entroxadas em grossas roupas no inverno, trabalhando de pá e picareta, nem as sentíamos como mulheres. (LEVI, 1988: 208)

Penso, aqui, no título do testemunho, “É Isto Um Homem?”<sup>1</sup>. Interpreto “homem” como sinônimo para “ser humano”. Por todo o livro, Primo Levi acusa a desumanização dos prisioneiros dos campos por parte do regime nazista. Em um momento, relata o encontro que teve com um operário italiano, Lourenço, que lhe deu um pedaço de pão.

Os personagens destas páginas não são homens. A sua humanidade ficou sufocada, ou eles mesmos a sufocaram, sob a ofensa padecida ou infligida a outros. Os SS maus e brutos, os Kapos, os políticos, os criminosos, os “proeminentes” grandes e pequenos, até os Râjtlinge indiscriminados e escravos, todos os degraus da hierarquia insensata determinada pelos alemães estão, paradoxalmente, juntos numa Única Íntima desolação.

Lourenço, não. Lourenço era um homem; sua humanidade era pura, incontaminada, ele estava fora desse mundo de negação. Graças a Lourenço, não esqueci que eu também era um homem. (LEVI, 1988: 180)

Entendo, por essas duas passagens, uma diferença entre o que é perder sua humanidade e o que seria deixar de ser mulher. Estamos pensando, aqui, em um evento construído na desumanização de um grupo de pessoas, ou seja, na retirada de características que as encaixem dentro da sociedade. Para além de deixar de ser humano, notamos uma quebra na expectativa dos papéis de gênero da época. As mulheres, ao serem forçadas a trabalhar lado a lado com os homens, com as mesmas roupas, com o mesmo uso de força – o que não era comum na realidade fora do *Lager* –, perdem a subjetividade de sua identidade. “O trabalho era para homens”, é como Ruth Klüger descreve o trabalho braçal a que foi sujeita (KLÜGER, 2005: 136).

Em “E eu não sou uma mulher?”, bell hooks, teórica do feminismo negro, aponta uma perda parecida nas mulheres escravizadas nos Estados Unidos. Forçadas ao mesmo trabalho manual que os homens, surge uma crise identitária tanto entre mulheres, por perderem sua feminilidade, quanto em homens, que se viam iguais às mulheres em suas funções e, portanto, diminuídos.

---

<sup>1</sup> No original, em italiano, “*Se Questo È Un Uomo*”.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Pensando os eventos traumáticos, como o Holocausto, a escravidão e o Genocídio de Ruanda, como eventos despersonalizadores<sup>2</sup>, imaginamos que isso se reflita nos testemunhos de suas vítimas. Em Primo Levi, fica evidente essa questão, desde o título e seu poema de abertura:

## É ISTO UM HOMEM?

Vocês que vivem seguros  
em suas cálidas casas,  
vocês que, voltando à noite,  
encontram comida quente e rostos amigos,  
    pensem bem se isto é um homem  
    que trabalha no meio do barro,  
    que não conhece paz,  
    que luta por um pedaço de pão,  
    que morre por um sim ou por um não.  
Pensem bem se isto é uma mulher,  
sem cabelos e sem nome,  
sem mais força para lembrar,  
vazios os olhos, frio o ventre,  
como um sapo no inverno.  
Pensem que isto aconteceu:  
eu lhes mando estas palavras.  
Gravem-na em seus corações,  
estando em casa, andando na rua,  
ao deitar, ao levantar;  
repitam-nas a seus filhos.  
    Ou, senão, desmorone-se a sua casa,  
    a doença os torne inválidos,  
    os seus filhos virem o rosto para não vê-los. (LEVI, 1988: 9)

A experiência de trabalhar em meio ao barro, lutar por um pedaço de pão, morrer pela falta de sentido dos campos, é uma experiência universal, a qual homens e mulheres foram sujeitos. Mas quando Levi cita estar sem cabelos, com o ventre frio, associa essas ideias à identidade das mulheres. Perdem a capacidade de serem associadas ao que era visto como uma mulher.

Em Scholastique Mukasonga e Ruth Klüger, sobreviventes do Genocídio de Ruanda e do Holocausto, respectivamente, vemos também essas questões. Em seu livro “Baratas”, Mukasonga explicita, desde o título<sup>3</sup>, como se deu a animalização dos tutsis pela etnia hutu: “Eles nos chamavam de *inyenzis*, as baratas. A partir de então, em Nyamata, seríamos todos baratas. Eu era uma *inyenzi*” (MUKASONGA, 2018, p. 47).

---

<sup>2</sup> Penso, aqui, nos escritos de Tzvetan Todorov, em “Diante do Extremo” (2017), sobre a despersonalização e desumanização das vítimas nos campos de concentração nazistas.

<sup>3</sup> No original, em francês, “*Inyenzi ou le Cafards*”.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ruth Klüger, por outro lado, coloca a questão da identidade de outro modo, com um foco mais singular e em si mesma. Ao ler seu livro “Paisagens da Memória”, vemos seu conflito em tentar encontrar sua identidade, pois cada lado seu parece lhe ter sido negado e apagado por Auschwitz<sup>4</sup>. Por exemplo, ao pensar em sua idade, ainda menina tendo sido enviada para os campos:

Hoje em dia há pessoas que perguntam: ‘Mas você era jovem demais para se lembrar daqueles tempos terríveis’. Ou nem mesmo perguntam, elas afirmam com plena certeza. Penso então que querem tirar de mim a minha vida, pois a vida nada mais é do que o tempo que se viveu, a única coisa que temos, e é isto que me negam quando põem em dúvida o meu direito de rememorar. (KLÜGER, 2005: 68)

O que vejo, em minha leitura das duas autoras, são testemunhos de luto, de perdas e homenagens tanto de pessoas, momentos e espaços, quanto de suas próprias identidades. Busco, a partir dessa leitura conjunta, um melhor entendimento dessa despersonalização a partir de eventos traumáticos e como ela é exposta em testemunhos de mulheres.

Minha hipótese é de que existam temas específicos às mulheres sobreviventes, justamente por acontecerem mudanças e apagamentos que afetem diretamente esse grupo, sejam esses de impacto direto, como a mudança no papel da mulher na sua sociedade de origem, visto pelo escrito por bell hooks, na sociedade escravocata estadunidense, e em Scholastique Mukasonga, quando descreve, em “A Mulher de Pés Descalços”, as mudanças que sofrem as mulheres de sua vila em seu cotidiano, ou de impacto subjetivo, como veremos nos testemunhos lidos, com a questão da identidade de cada autora.

Não perco de vista o fato de que visio trabalhar com mulheres bastante diferentes. Ruth Klüger, nascida em Viena em 1931, judia, sobrevivente dos campos de concentração nazistas, exilada nos Estados Unidos. Scholastique Mukasonga, nascida em Gikongoro em 1956, tutsi, sobrevivente do Genocídio de Ruanda, exilada na França, negra. Mesmo encontrando temas parecidos em seus testemunhos, acredito que suas diferenças colaboram mais ainda para esta pesquisa. O conceito de Michael Rothberg de Memórias Multidirecionais<sup>5</sup> guia este trabalho com a ideia de que podemos aprender muito sobre um evento a partir dos estudos de outro, pois, ao deixar a competitividade de memórias

---

<sup>4</sup> Ruth Klüger foi, com 11 anos, enviada para os campos de Theresinstadt, Auschwitz e Christandstadt, mas usa “Auschwitz”, em seu testemunho, como metonímia para os três.

<sup>5</sup> No original, em inglês, *Multidirectional Memories* (2009).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de lado, há um benefício de estudá-las em conjunto.

Além disso, as mudanças que cada autora sofre têm relação com seu próprio cotidiano. Não visio, com este trabalho, supor que suas realidades sejam a mesma, mas sim compreender como temas parecidos podem surgir em testemunhos de eventos diferentes, o que nos auxilia a pensar a própria categoria de testemunho, mais ainda, de testemunho de mulheres, não como uma noção estática e de aplicabilidade universal, mas como referência nos estudos do tema.

## **Pensando a Identidade**

A partir da escrita de Klüger e Mukasonga, analisamos como elas formam suas identidades. As duas autoras utilizam-se de sua escrita para elaborar o luto. Ruth Klüger encontra na poesia uma forma de enterrar seus mortos, afinal “Onde não existe túmulo, o trabalho de luto nunca termina.” (KLUGER, 2005: 87) . Escrevendo sobre a incerteza acerca da morte de seu pai – sabe apenas que foi morto em uma câmara de gás –, explica:

Escrevi-lhe versos, em alemão e em inglês, uma espécie de exorcismo, ou antes, não só os escrevi, eu os compus mentalmente, versos fáceis de gravar, com os quais poderia vagar por aí com uma bagagem leve, deixando por assim dizer as estrofes derreterem-se na língua, ajeitando uma palavra aqui e ali. (KLUGER, 2005: 34)

Scholastique Mukasonga vive também na incerteza. Não se utiliza da poesia, mas sua escrita, todo o seu livro, é sua maneira de viver seu luto:

Onde estão eles hoje? Na cripta memorial da igreja de Nyamata, crânios anônimos entre tantas ossadas? Na *brousse*, sob os espinheiros, em uma fossa que ainda não veio a público? Copio inúmeras vezes o nome deles no caderno de capa azul, quero provar a mim mesma que eles existiram, pronuncio seus nomes um a um na noite silenciosa. Sobre cada nome devo definir um rosto, pendurar um retalho como lembrança. Não quero chorar, sinto as lágrimas escorrerem pelas minhas faces. Fecho os olhos, esta será mais uma noite sem sono. Tenho muitos mortos a velar. (MUKASONGA, 2018: 8)

As duas mulheres, assim, se aproximam à imagem de Antígona: sem o direito de enterrar seus mortos e, ademais, sem o direito à pátria. Klüger e Mukasonga narram seu exílio, elaboram a dificuldade em encontrar seu lugar e em se reconhecerem em seus locais de nascimento. Para Ruth Klüger, “A cidade [Viena] me pertence como me pertence uma ferida que não cicatriza” (KLÜGER, 2010: 199, tradução minha). Para Scholastique Mukasonga, “A vida parecia me afastar de Ruanda. Para mim, Ruanda já

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

não era nada mais do que uma ferida incurável.” (MUKASONGA, 2018: 121). Uma ferida aberta e o que levam de suas terras natais.

Essas duas perdas, representadas pelo luto e pelo exílio, são essenciais para a formação da identidade das autoras em suas obras. Não busco, e nem tenho a permissão ou licença profissional para fazer uma análise psicológica das mulheres. Mas o que tenho delas são suas palavras, seus livros e a determinação de associar o que elas nos deram.

Ruth Klüger narra, em meio às suas perdas, a dificuldade de narrar o que lhe aconteceu. Na verdade, a dificuldade não está em narrar, mas em ser ouvida. O direito a contar seu passado lhe é tomado. O direito ao seu passado, até. Ruth Klüger experiencia a perda de sua identidade não apenas durante o evento do campo, como também depois, ao ser impedida de narrar. Ao pensar sua chegada em Auschwitz e o contato com os primeiros guardas, faz uma conexão com Primo Levi:

O comportamento autoritário em Auschwitz visava sempre diminuir, negar a existência humana do prisioneiro, privá-lo de seus direitos. Primo Levi descreveu-o em seu livro *É isto um homem?*. Mas ele chegou ali com a autoconfiança de um europeu adulto, sólido, arraigado espiritualmente no racionalismo e fixado geograficamente em sua pátria italiana. Para uma criança era diferente, pois nos poucos anos em que pude existir como pessoa consciente, fui sendo privada gradualmente do direito à vida, de maneira que Birkenau para mim não carecia de uma certa lógica. (KLÜGER, 2005: 103)

Aqui vemos a negação ao direito da existência e da humanização, como vimos no começo deste artigo. Pensamos, agora, no pós-evento. Ao fazer uma comparação com seu primo, Hans, também sobrevivente, conta que ele responde às perguntas que ela faz sobre o que aconteceu ele passou nos campos. A ela, por outro lado, não costumam perguntar:

Também tenho o que contar, quer dizer, tenho histórias a contar caso alguém pergunte, mas só poucos o fazem. As guerras pertencem aos homens, e assim também as lembranças de guerra. Ainda mais o fascismo, mesmo que tenha sido contra ou a favor: puro assunto para homens. Além disso: mulheres não têm passado. Ou não têm que ter algum. É indelicado, quase indecente. (KLÜGER, 2005: 13)

A rememoração lhe é negada, neste trecho, por serem as memórias de uma menina. Jovem, garota e sobrevivente. O que teria para contar? As memórias de Hans, um pouco mais velho, são mais valiosas, pois teria passado por maiores provações. As guerras pertencem aos homens, ela diz. Mesmo que as tenha vivido e sofrido, não fazem

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

parte de sua identidade.

Em Mukasonga, não vemos dificuldade em narrar ou se fazer entender. Vemos, sim, as dificuldades que tem no exílio tanto como imigrante quanto como mulher negra (essa, melhor narrada no livro “Um Belo Diploma”, sua terceira obra bibliográfica). A negação do gênero se vê presente durante todo o processo de genocídio, desde o momento em que sua família é expulsa de suas terras em Gikongoro e forçada a se refugiar em Nyamata. No livro “A Mulher de Pés Descalços”, ela conta a história de sua mãe, Stefania, e sua vida na sociedade tutsi. Começando pelo exílio, explica sobre a moradia que perderam e sua função para a família.

Em Gikongoro, moravam em um *inzu*, uma casa de palha trançada tradicional e original das famílias tutsi (MUKASONGA, 2017: 31). Forçada a se instalar em uma casa de pau a pique, Stefania não se sentia à vontade. Não se via em seu papel como matriarca. Pouco tempo após se verem exilados em Gitagata, ela decide instalar sua casa. Com a família e a ajuda dos vizinhos, erguem um *inzu*.

Parecia que, graças à casa, Stefania tinha recuperado o prestígio e os poderes que a tradição ruandesa atribui a uma mãe de família. Dobrando com cuidado um talo seco de sorgo com belos reflexos dourados, ela fez um *urugori*, o arco que prende a cabeleira das mulheres, símbolo da fecundidade, fonte de bênção para as crianças e toda a família. [...] O *urugori* era o símbolo da soberania maternal de Stefania sobre o *inzu* e todos os que moravam nele. (MUKASONGA, 2017: 38)

A perda da casa não é apenas uma perda material. Um lar representa o que há de mais íntimo numa cultura – a relação familiar, os hábitos pessoais, a hierarquia que se tem com quem lá mora. A destruição das casas tutsi pelos hutus não foi à toa, ela é tanto uma prática agressiva quanto simbólica, determinada a desalojar e desumanizar. No entanto, Mukasonga aponta a proteção ancestral que Stefania traz ao novo *inzu*: os militares de Gitagata não ousaram tocar nele.

Outra dor exposta no livro, sentida pelas mulheres tutsi, é a perda das terras prósperas onde viviam, férteis e abundantes das plantas medicinais utilizadas. Mukasonga discorre sobre o ritual de lavagem que as mulheres do vilarejo faziam para as crianças, para livrá-las dos temidos vermes intestinais. Sem os remédios certos, a reunião das mulheres sofre um baque.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

De todos os sofrimentos vividos com a deportação e o exílio, um dos piores para as mulheres era não poder cuidar dos filhos como antigamente, como elas sempre viram as mães fazerem. [...] Quando chegaram a Gitwe e Gitagata, as mulheres tinham, antes de mais nada, de arrumar um jeito de não morrer de fome antes de poderem voltar a cultivar as plantas medicinais e abóboras que constituíam a farmácia natural ruandesa. As mães de família estavam desesperadas. Seus filhos tinham o ventre fervilhando de cobrinhas que consumiam tudo por dentro. Certamente, a saúde deles estaria comprometida para sempre. (MUKASONGA, 2017: 66)

As mudanças que vêm com o exílio são sentidas no dia a dia, afetando o papel que cada membro da sociedade tutsi tem nela. Em “A Mulher de Pés Descalços”, Mukasonga narra tanto a perda que sua mãe sentiu quanto as perdas que ela mesma sente em relação à quebra das tradições tutsi. Ela é afastada da tradição, mas, no livro, parece vivê-la ao contar a história de Stefania. A mulher tutsi é eternizada nessa mulher alegre e casamenteira, que dava conselhos, dividia segredos e protegia a casa e a família.

Mãezinha, eu não estava lá para cobrir o seu corpo, e tenho apenas palavras – palavras de uma língua que você não entendia – para realizar aquilo que você me pediu. E estou sozinha com minhas pobres palavras e com minhas frases, na página do caderno, tecendo e retecendo a mortalha do seu corpo ausente. (MUKASONGA, 2017: 7)

Com essas palavras, Mukasonga inicia o livro que homenageia sua mãe. Sem um título para prestar suas homenagens, tem apenas suas palavras para narrar e viver seu luto. Palavras em uma língua diferente, escritas em um país diferente, e que em poucas frases dizem muito sobre o que se perdeu e o que ficou.

## **Considerações finais**

A partir da leitura de Klüger e Mukasonga, conseguimos compreender diferentes tipos de desidentificação que eventos traumáticos trazem para a mulher vitimizada. Nos seus testemunhos, vemos esses desdobramentos específicos a cada sociedade, a cada corpo, a cada mulher. O silêncio e a negação, expostos até na dificuldade em narrar certas passagens, são peças importantes para entender a descaracterização a que são sujeitas.

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Ainda há muito que se pesquisar e se analisar dos escritos dessas mulheres. Mas do pouco que foi observado até aqui, sabemos que suas vidas e suas percepções sobre suas identidades foram impactadas após os eventos a que sobreviveram, e que sua sobrevivência não é equivalente a de homens que passaram pelas mesmas situações – na verdade, com um estudo mais profundo, é possível perceber que nem pelas mesmas situações passaram.

A importância de se estudar a especificidade da identidade da mulher vem da necessidade de não se globalizar e unificar a experiência da pessoa sobrevivente apenas a partir de testemunhos de homens. A violência de gênero, que também será comentada ao longo de minha pesquisa, é um fator que comumente se vê presente em situações limites, e não deve ser ignorada.

Ademais, as poesias e homenagens de Ruth Klüger e Scholastique Mukasonga pedem não apenas uma leitura sensível, mas uma escuta. Então, escutemos.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOOKS, bell. *E Eu Não Sou Uma Mulher?: Mulheres Negras e Feminismo*. Rio de Janeiro: Ed Rosa dos Tempos, 2020.

KLÜGER, Ruth. *Paisagens da Memória: Autobiografia de uma Sobrevivente do Holocausto*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

KLÜGER, Ruth. *unterwegs verloren: Erinnerungen*. München: dtv, 2010.

LEVI, Primo. *É Isto Um Homem?* Rio de Janeiro: Ed Rocco, 1988.

MUKASONGA, Scholastique. *A Mulher de Pés Descalços*. São Paulo: Ed NÓS, 2017.

MUKASONGA, Scholastique. *Baratas*. São Paulo: Ed NÓS, 2018.

ROTHBERG, Michael. *Multi-Directional Memory: Remembering the Holocaust in the Age of Decolonization*. Stanford: Stanford University Press, 2009.

TODOROV, Tzvetan. *Diante do Extremo*. São Paulo: Ed Unesp, 2017.